

ARTIGO



OKAR.

Por que mexer onde não é para mexer?

Maria Elisa Costa

Discursos, argumentações, "justificativas" (até hoje não foram ocupadas as entrequadras, etc. etc. etc.). Teorizações sobre o tombamento, cujos termos e intenções reais poucos conhecem. jargões fáceis e desprovidos de fundamento (tipo o tombamento engessa a cidade, etc. etc. etc.), tudo isso, conscientemente ou não, só leva a abrir o caminho para a desvirtuação de características fundamentais da concepção de Brasília.

E tanta coisa para ser feita! No Plano Piloto, o óbvio: acertar de uma vez por todas com a UnB a permuta das quadras que detém na Asa Norte pelo futuro setor Noroeste, proposto por Lucio Costa em Brasília Revisitada. Transação vantajosa para ambas as partes: a UnB manteria seu "cacife", que só tenderá a valorizar-se a médio e longo prazo, e o GDF teria condições de finalmente completar o Plano Piloto, aproveitando toda a infra-estrutura urbana existente, lançando no mercado um grande número de projeções residenciais, com retrovenda, e assim obtendo recursos para a administração de maneira legítima e a favor da cidade.

Antes de tratar da questão das Entrequadras, é preciso ter clara uma premissa: a verdadeira opção é saber se a intenção é ou não é preservar o Plano Piloto.

Caso seja, parece evidente que a primeira implicação é que, em situações assim, não é o mercado quem dita as regras do jogo, ao contrário — deve, necessariamente,

obedecer ao objetivo maior, que é a preservação. Ou alguém supõe que, se o mercado mandasse, os blocos das superquadras teriam os seis pavimentos que têm?

A proposta residencial do Plano Piloto, com as superquadras constituindo uma "cadeia" de unidades de vizinhança ao longo do eixo rodoviário, e para tanto equipadas com os serviços comuns previstos para as entrequadras, pode parecer fora de moda para muitos teóricos. Mas perguntem a um morador se ele não gostaria que as prefeituras das quatro quadras que ladeiam uma entrequadra destinada a clube de vizinhança se unissem e tivessem o direito de gerenciar o uso do "seu"

clube de vizinhança, que serviria a todas as quatro quadras, investindo conjuntamente naquilo que lhes parecesse melhor. Provavelmente, uns escolheriam ter piscina, outros campo de futebol, outros lugar para pré-adolescentes darem suas festas e poderem fazer barulho à vontade, sem incomodar os vizinhos.

Para que esta possibilidade não seja abortada, é evidente que não se pode cogitar de vender a quem interessar possa as entrequadras destinadas aos clubes de vizinhança.

Assim também as áreas das Escolas-Parque — se forem vendidas, o que se está fazendo é aceitar a falência do ensino público como coisa definitiva, impedindo que, quando chegar a hora de ingressarmos no chamado 1º mundo (onde ensino público de qualidade é o normal, e razão maior do 1º mundo ser 1º mundo), encontremos na capital do país o lugar que lhe cabe, e lhe foi destinado 40 anos atrás, num momento em que o Brasil acreditava no Brasil e não pretendia se instalar nesse status-quo retrógrado onde ainda patinamos — mas que certamente não é o destino do país.

Então, o que espero é que, além de se lançar mão da legislação de preservação vigente, venha à tona a sensibilidade e o bom senso de dar a Brasília — e ao Brasil — um crédito de tempo para que a vida do nosso país encontre seu caminho, que se espere e "conte ao menos até três" antes de, em nome de raciocínios de momento, desfazer, sem retorno, o que já foi feito, e tão acertadamente.

Vamos começar completando a Asa Norte, estimulando a existência dos clubes de vizinhança de verdade, a instalação de escolas-parque — não é nem necessário nem desejável que se façam construções caras, basta plantar a semente: a terra é fértil, a planta crescerá. E para tanto é fundamental a compreensão do que está em jogo por parte dos moradores das superquadras — o seu apoio e a sua cumplicidade são fundamentais. Sem uma postura nítida e clara, a "preservação" vai aos poucos se tornando uma palavra vazia, como se fosse madeira comida por cupim — a gente não se dá conta, e quando acorda vê que só sobrou a casca, o essencial morreu de morte matada.

MARIA ELISA COSTA
É ARQUITETA

SEM UMA
POSTURA NÍTIDA
E CLARA (DOS
MORADORES DAS
SUPERQUADRAS),
A "PRESERVAÇÃO"
VAI AOS POUCOS
SE TORNANDO
UMA PALAVRA
VAZIA